

As maternidades na Universidade: o caso da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS

Santos Kuhn, Simone (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
simonesantosk@gmail.com)

Dahlke, Ana Paula (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
anapauladahlke@hotmail.com)

Nobre Bins, Gabriela (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
ganobre@hotmail.com)

Martins Terragno, Tatiana (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
tatiterragno@gmail.com)

Oliveira e Silva, Lisandra (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
lisgba@yahoo.com.br)

Schultz Wittizorecki, Elisandro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
elisandro.wittizorecki@ufrgs.br)

Resumo

A pesquisa objetivou compreender como as experiências da maternidade impactam a docência em Educação Física e a vida de professoras da Educação Básica e do Ensino Superior. Realizamos um mapeamento da realidade vivida por estudantes mães dos cursos de graduação e pós-graduação da ESEFID/UFRGS. Compreendemos que o acesso, a permanência e a conclusão dos cursos têm se configurado significativos desafios evidenciados a partir de três categorias de análise: tempo; saúde mental; e práticas docentes.

Palavras-chave: Maternidades, Educação Física, Formação de Professores.

Introdução

Integramos o Coletivo Mães F3P-EFICE, subgrupo do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2018 temos pesquisado as relações entre maternidades, docências e Educação Física (EF) (Bins; Silva, 2019; Bins et al., 2021; Bins et al., 2023).

O Movimento Parent in Science¹, fundado em 2016, foi o contato inicial que tivemos sobre a inclusão da temática da maternidade no universo acadêmico no Brasil. Formado por mães e pais cientistas, tem por objetivo discutir a maternidade e a paternidade no meio científico nacional. Do mesmo modo, diversos Coletivos que abordam a questão da maternidade no contexto docente e discente têm surgido nas universidades brasileiras - cerca de 30 coletivos de mães criados em diversas áreas de conhecimento nos últimos anos, alguns, especialmente, em decorrência da pandemia da COVID-19 (Silva; Salvador, 2021).

Assim, a temática da maternidade e das experiências construídas por docentes, pesquisadoras e estudantes envolvidas no ambiente acadêmico-científico tem se constituído foco de pesquisa e de produção de conhecimento. Nesse contexto, corroboramos o entendimento de que a "[...] maternidade para as mulheres que estão nas carreiras científicas é um campo a ser mais bem compreendido e estudado" (Noletto, 2020, p. 13).

O presente texto apresenta resultados de pesquisa qualitativa, realizada em 2021, que objetivou compreender como as experiências da maternidade impactam a docência em EF e a vida de professoras-pesquisadoras-estudantes da Educação Básica e do Ensino Superior. Realizamos um mapeamento sobre a realidade vivida por mães-estudantes dos quatro Cursos de Graduação da ESEFID/UFRGS (Licenciatura em EF, Bacharelado em EF, Licenciatura em Dança e Fisioterapia) e dos cursos de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da ESEFID/UFRGS.

Metodologia

Realizamos a pesquisa bibliográfica das produções acadêmicas na área de conhecimento da EF, por meio da busca sobre o tema da maternidade e da docência em EF, em publicações datadas entre 2015 e 2021, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e nos periódicos com Qualis Capes A1 e A2, B1 a B5, na Área 21, a partir dos descritores “Maternidade e Docência” e “Maternidade e Educação Física”. Como resultado, obtivemos o total de duas Teses (Bins, 2020; Lopes, 2018), uma Dissertação (Silva, 2018) e um artigo científico (Duarte; Mourão; Chaves, 2020). Entretanto, a partir das leituras realizadas, concluímos que apenas a Tese de Bins (2020) discutia a problemática de interesse, evidenciando a escassez de pesquisas sobre esta temática na área de conhecimento da EF.

¹ Ver: <https://www.parentinscience.com>

A pesquisa de campo contou com a participação de estudantes de Graduação e de Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS, regularmente matriculados(as) no ano de 2021. Enviamos por e-mail um questionário no Google Forms com objetivo de mapear estudantes que eram mães, pais ou responsáveis legais por crianças e adolescentes, com os critérios de inclusão: ser estudante de Graduação ou de Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS; ter disponibilidade para participar da pesquisa; e ter filhos(as) entre 0 e 21 anos de idade.

Análises e discussões

Em 2021, havia 1671 estudantes regularmente matriculados(as) nos quatro Cursos de Graduação da ESEFID/UFRGS, sendo 690 estudantes na Licenciatura em EF, 520 no Bacharelado em EF, 250 no Curso de Licenciatura em Dança e 211 no Curso de Fisioterapia. No mesmo ano, o PPGCMH da ESEFID/UFRGS contava com 220 estudantes matriculados(as), sendo 107 no Mestrado e 113 no Doutorado. Responderam ao formulário enviado 101 estudantes: 31 de Pós-Graduação (26 cursando Doutorado e 05 Mestrado) e 70 de Graduação (25 cursando EF Bacharelado, 20 EF Licenciatura, 15 Fisioterapia e 10 Licenciatura em Dança).

Compreendemos que o acesso, a permanência e a conclusão do Ensino Superior têm se configurado significativos desafios, principalmente para mães estudantes dos diversos Cursos de Graduação e de Pós-graduação pesquisados. Evidenciamos isso a partir das categorias de análise que emergiram na pesquisa, dentre as quais destacamos: tempo; saúde mental; e práticas docentes.

O tempo figurou, quase de modo unânime, como o principal desafio enfrentado para se manter estudando simultaneamente às responsabilidades com o cuidado de crianças e/ou de adolescentes. A escassez de tempo foi mencionada tanto para estudar ou dar conta das diversas atividades acadêmicas, quanto para estar com os(as) filhos(as), ou seja, para conciliar trabalho, estudo, afazeres domésticos e cuidados maternos ou paternos. Diante disso, foram relatados sentimentos de culpa devido ao envolvimento com demandas de estudo que não permitiam estar à frente dos cuidados com a criança e/ou o(a) adolescente, pois: “Mesmo organizando a rotina para entrar na aula, sempre há interrupções, dificuldade para concentração, falta de tempo para ler os materiais propostos e também dificuldade em realizar os trabalhos avaliativos nas disciplinas” (Entrevista com Ana², 2021).

² Nomes fictícios.

Outro elemento que atravessa a vida acadêmica, especialmente das estudantes mães, é a sobrecarga mental, visto que narram pensar constantemente nas demandas dos(as) filhos(as). Estas afirmam que são impelidas a viver sob da lógica do cansaço físico e mental, o e que se agrava consideravelmente nos casos das mães atípicas, que acumulam a necessidade de conciliar o tempo (ou a falta dele) entre as diversas terapias e tratamentos de saúde dos(as) filhos(as), com as atividades de estudo. Aliado a isso, as preocupações financeiras contribuem para essa sobrecarga, que prejudica a saúde mental, a capacidade de concentração e o foco nos estudos, bem como as condições de participação nas múltiplas atividades acadêmicas. Portanto, faz parte da rotina, “enfrentar o cansaço, as poucas horas de sono, lidar com casos de doença de filho, conseguir dedicar mais horas à pesquisa com a criança necessitando de cuidado em casa por ser pequena e necessitar supervisão constante” (Entrevista com Lu, 2021).

Além disso, o Ensino Superior trata de relações pedagógicas e de construção de conhecimentos entre pessoas, de modo que os(as) docentes desse nível de ensino causam impacto decisivo no processo formativo dos(as) estudantes de Graduação e de Pós-Graduação. A permanência e a conclusão desses cursos são processos permeados por desafios, conquistas, apoio e exclusão. Nesse sentido, identificamos que o professorado pode atuar como rede de apoio, especialmente para estudantes que são mães, ao oferecerem acolhimento, escuta, sensibilidade e compreensão em relação às diversas condições impostas pelas diversas maternidades vividas. Contudo, podem contribuir para os processos de exclusão que geram sofrimento discente, seja por indiferença ou por assédio moral. Em muitos casos, isso leva à decisão de trancar disciplinas “por um tempo”, às vezes por sugestão do(a) docente, na esperança de retomá-las mais tarde. Porém, seguidamente, isso não acontece, pois as mães estudantes têm consciência de que “trancar um semestre” significa “abandonar os estudos”, mesmo antes da criança nascer.

Destacamos que é papel das Universidades criar políticas de apoio e permanência às mães estudantes de Graduação e de Pós-Graduação, de apoio e inserção de crianças no ambiente universitário, e, construir ambientes mais acolhedores às crianças e às mães.

Considerações finais

A relação entre ser mãe e estudante de um Curso Superior tem sido um obstáculo para muitas mulheres, pois a experiência da maternidade ainda é vivida como dilema, já que são as mulheres que assumem a maioria das responsabilidades com o cuidado dos(as) filhos(as)

(Scavone, 2001; Urpia, 2009). Estudos destacam que mulheres na Pós-Graduação *stricto sensu* sem filhos(as) mencionam o medo de engravidar durante o curso (Bittencourt, 2013) e relatam o impacto na carreira acadêmica em relação às colegas que não têm filhos(as). Silva (2020) destaca que a entrada das mulheres no meio acadêmico tem exigido mudanças para sua permanência, já que a produção de conhecimento demanda tempo, dedicação e concentração, o que conflita diretamente com as demandas da maternidade. Portanto, a incorporação das mulheres nas universidades e na ciência, sem que haja mudanças culturais e estruturais profundas no contexto acadêmico, acaba por colocá-las em situação de significativa desvantagem em relação às mulheres que não são mães e ainda mais em relação aos homens (Urpia, 2009).

Recentes políticas de inclusão e de ações afirmativas nas Universidades brasileiras possibilitaram que mais pessoas tivessem acesso ao Ensino Superior, dentre estas, as mães estão representadas. Ser mãe e estudante universitária implica uma realidade ainda pouco conhecida pela sociedade e pelos(as) docentes das Universidades. Não ter rede de apoio para ficar com a criança enquanto a mãe vai à aula, ser mãe solo, ser mãe em vulnerabilidade econômica, ser mãe de crianças atípicas, não conseguir vaga em Creche ou Escola de Educação Infantil pública, ter que trabalhar, lidar com a saúde da criança, levar a criança para a aula, não conseguir cumprir prazos para os trabalhos acadêmicos, dentre outras situações. Essas são algumas das realidades enfrentadas pelas mães estudantes que participaram da pesquisa.

Por fim, destacamos que cursar o Ensino Superior é um direito constitucional e que as mães não podem ser excluídas por estarem nessa condição. É sabido que os primeiros anos da maternidade são os mais desafiadores e que geram mudanças significativas na vida da mulher que se torna mãe. Nesse sentido, o acolhimento nas Universidades é o primeiro passo para que essa experiência não seja traumática, excludente e sofrida para as mães estudantes.

Referências

Bins, G. N. (2020). *Tecendo saberes, tramando a vida - a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RMEPOA*. Tese de Doutorado em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/248889>. Acesso em: 26 abr. 2023.

- Bins, G. N.; Silva, L. O. (2019). Maternidade e docência: tecendo fios da vida. In: 2º Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência. *Anais*. Porto Alegre. Disponível em: <https://shre.ink/QHqv>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- Bins, G. N. et al.. (2021). Maternidade, Docência e Educação Física em Tempos de Pandemia. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais*. Disponível em: <https://shre.ink/Qk4L>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- Bins, G. N. et al. (2023). Docência em Educação Física e Maternidades: Construindo outras Inter-relações. *Movimento*, 29, p. e29006. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.124530>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- Duarte, F.; Mourão, L.; Schwartz, G. M. (2020). Memórias de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. *Movimento*, 26, p. e26076. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100848>. Acesso em 26 abr. 2023.
- Lopes, K. F. (2018). *A interação corporal entre mães e filhos com deficiência: a dança como mediadora*. Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.
- Noletto, M. J. Prefácio. (2020). In: Souto-Marchand, A. S. de; Galvão, E.; Fernandes, M. (Orgs.). *Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade*, v. 1: artigos produzidos durante a Pandemia de Covid19 em 2020 [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi.
- Scavone, L. (2001). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, 16, p. 137–150. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- Silva, F. D. e. (2018). *Memórias de Atenah: Trajetórias de Mulheres Brasileiras na Corrida de Aventura*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Juiz de Fora.

Silva, J. M. S. (2020). *Mães negras na Pós-Graduação: uma abordagem interseccional*. Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia.

Silva, J. M. S.; Salvador, A. C.. (2021). Coletivos de mães universitárias rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades. In: 31º Simpósio Nacional de História. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPUH - Brasil. Disponível em: <https://shre.ink/Qk43>. Acesso em: 26 abr. 2023.

Urpia, A. M. de O. (2009). *Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal da Bahia.